

INDUSTRIALIZAÇÃO CAPITALISTA E A SAÚDE DO TRABALHADOR: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DE MARX E ENGELS

Mariana Correia Silva Sabino¹

RESUMO:

O presente artigo objetiva discorrer sobre algumas questões que envolvem os primórdios da industrialização capitalista e a saúde do trabalhador. Tal temática suscitou, e ainda continua impulsionando, inquietações e estudos por diversas matrizes teóricas, todavia, nossa proposta é apresentar uma abordagem crítica pautada na teoria marxiana. As considerações aqui desenvolvidas são frutos de uma pesquisa bibliográfica, para isto, utilizamos como principal referencial teórico às obras de Karl Marx, *O Capital*, e de Friedrich Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, como também, recorreremos às obras de outros renomados autores que comungam da mesma perspectiva teórica. Nosso objetivo inicial foi refletir sobre a industrialização no modo de produção capitalista e seus impactos sobre o processo de trabalho, em especial, as implicações na vida e saúde dos trabalhadores. Nesta direção, realizamos um estudo sobre as formas iniciais de organização do processo de trabalho sob o controle do capital, desde a cooperação até a grande indústria. Buscamos evidenciar os efeitos perversos do processo de industrialização capitalista para a vida e saúde dos trabalhadores, tal processo incide diretamente nas condições de reprodução da força de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Produção Capitalista. Industrialização. Saúde do Trabalhador.

INTRODUÇÃO

Neste estudo buscamos refletir sobre a industrialização no modo de produção capitalista e seus impactos sobre o processo de trabalho, em especial, as implicações na vida e saúde dos trabalhadores. Nesta direção, realizamos um estudo sobre as formas iniciais de organização do processo de trabalho sob o controle do capital, partimos do estudo da obra de Karl Marx, *O Capital*, especificamente os capítulos XI (Cooperação), XII (Divisão do Trabalho e Manufatura) e XIII (Maquinaria e Grande Indústria) e de Friedrich Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, como também recorreremos às obras de outros renomados autores que compartilham da mesma matriz teórica.

Inicialmente, apresentamos as primeiras formas de controle do capital sobre o processo de trabalho, apreendemos que a acumulação primitiva de capital permitiu o

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre Reprodução Social. Contato: mariana.correia.sabino@hotmail.com

erguimento e consolidação do sistema capitalista, adentramos nas formas em que o trabalho é organizado na produção capitalista desde a cooperação, que dá sustentação a organização da produção capitalista, passando pela manufatura que é a primeira experiência tipicamente capitalista de base cooperada, em seguida discorreremos acerca da grande indústria, que se distingue pela utilização de maquinários e do desenvolvimento tecnológico a serviço da reprodução do capital.

Por fim, apresentamos as condições de vida e saúde da classe trabalhadora nos primórdios da industrialização capitalista, especificamente a partir da Revolução Industrial, para isto, tomamos como base o livro de Friedrich Engels, *A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. Desta forma, buscamos elucidar como o processo de industrialização capitalista submeteu os trabalhadores a uma maior exploração, já que a prioridade é atender os ditames da acumulação de capital, assim, é indispensável o controle do capital sobre o trabalho.

Reconhecemos que todo processo de industrialização apresenta aspectos positivos e negativos, todavia consideramos que os aspectos positivos são para atender os ditames da produção e reprodução ampliada de capital, assim, os aspectos negativos se sobrepõem aos positivos, isto tomando como referência os rebatimentos para os trabalhadores, pois incide de forma negativa na reprodução da classe trabalhadora, tendo como consequência a degradação da vida e saúde dos trabalhadores.

1. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO CAPITALISTA

Antes de adentrar na industrialização capitalista, consideramos primordial para uma melhor apreensão deste processo, recorrer às formas iniciais em que se organizou a produção capitalista, fazendo um resgate histórico desde a acumulação primitiva de capital que criou as condições objetivas para acumulação capitalista, perpassando pela cooperação, primeira forma em que o trabalho foi organizado no capitalismo, manufatura e grande indústria propriamente o cerne da industrialização capitalista.

Sobre a cooperação, recoremos ao estudo do capítulo XI, da obra *O Capital*, entendemos que Marx define a cooperação como “a forma de trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado e conjuntamente, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos, chama-se cooperação” (MARX, 1985a, p. 259).

Assim, a cooperação por meio do trabalho combinado de um grande número de trabalhadores permite diminuir o tempo de trabalho necessário para produção de um dado produto global. A aglomeração dos trabalhadores em determinado local de trabalho é condição necessária para que a cooperação se realize, ou seja, os trabalhadores precisam estar juntos para atuar na cooperação.

Por meio da cooperação, o trabalhador supera suas limitações individuais e desenvolve as potencialidades do trabalho combinado.

[...] em todas as circunstâncias a força produtiva específica da jornada de trabalho combinada é força produtiva social do trabalho ou força produtiva do trabalho social. Ela decorre da própria cooperação. Ao cooperar com outros de um modo planejado, o trabalhador se desfaz de suas limitações individuais e desenvolve a capacidade de sua espécie (MARX, 1985a, p. 262).

De início, o trabalho cooperado requer do capitalista (comprador da força de trabalho) uma maior quantidade de investimento financeiro para ser utilizado no pagamento de um maior número de trabalhadores em um dia de trabalho².

Com a cooperação aumenta-se a quantidade de trabalhadores assalariados inseridos nesta forma de trabalho combinado, então é imprescindível o controle do capital para que se realize o processo de trabalho, assim, o controle se torna uma condição necessária para produção. Isto é o que Marx afirma: “as ordens do capitalista no campo de produção tornam-se agora tão indispensáveis quanto as ordens do general no campo de batalha” (MARX, 1985a, p. 263).

E a função de controle passa a ser do capital: “essa função de dirigir, superintender e mediar torna-se função do capital, tão logo o trabalho a ele subordinado torna-se cooperativo. Como função específica do capital, a função de dirigir assume características específicas” (MARX, 1985a, p. 263). A gênese do controle na cooperação está nesta necessidade de aumentar a quantidade de trabalhadores e tão logo submetê-los a trabalharem não mais para si, mas para o capital.

² Para exemplificar: “O pagamento de 300 trabalhadores, de uma vez, mesmo por um dia só, exige maior dispêndio de capital que o pagamento de poucos trabalhadores, semana por semana, durante o ano inteiro. Portanto, o número dos trabalhadores que cooperam ou a escala da cooperação depende de início da grandeza do capital que o capitalista individual pode despender na compra da força de trabalho, isto é, da medida em que cada capitalista dispõe dos meios de subsistência de muitos trabalhadores [...] A concentração de grandes quantidades de meios de produção em mãos de capitalistas individuais é, portanto, a condição material para a cooperação de trabalhadores assalariados, e a extensão da cooperação, ou a escala da produção, depende do grau dessa concentração” (MARX, 1985a, p. 262).

Segundo Marx, o que vai impulsionar a produção capitalista é autovalorização de capital:

Em primeiro lugar, o motivo que impulsiona e o objetivo que determina o processo de produção capitalista é a maior autovalorização possível do capital, isto é, a maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho pelo capitalista. Com a massa dos trabalhadores ocupados ao mesmo tempo cresce também sua resistência e com isso necessariamente a pressão do capital para superar essa resistência. A direção do capitalista não é só uma função específica surgida da natureza do processo social de trabalho e pertencente a ele, ela é ao mesmo tempo uma função de exploração de um processo social de trabalho e, portanto, condicionada pelo inevitável antagonismo entre o explorador e a matéria-prima de sua exploração (MARX, 1985a, p. 263).

Assim, entende-se que a função de direção ou controle surge no processo de trabalho de base cooperada e assume esta forma social para manter a exploração dos trabalhadores pelo capital. A função de supervisão é delegada a uma parte dos assalariados, disto já conseguimos entender a separação entre o trabalho manual do intelectual. Nas palavras de Marx:

Com o desenvolvimento da cooperação em maior escala, esse despotismo desenvolve suas formas peculiares. Como o capitalista, de início, é libertado do trabalho manual, tão logo seu capital tenha atingido aquela grandeza mínima, com a qual a produção verdadeiramente capitalista apenas começa, assim ele transfere agora a função de supervisão direta e contínua do trabalhador individual ou de grupos de trabalhadores a uma espécie particular de assalariados. Do mesmo modo que um exército precisa de oficiais superiores militares, uma massa de trabalhadores, que cooperam sob o comando do mesmo capital, necessita de oficiais superiores industriais (dirigentes, gerentes) e suboficiais (capatazes, mestres, supervisores, contra-mestres) durante que o processo de trabalho comandam em nome do capital. O trabalho da superintendência se cristaliza em sua função exclusiva. (MARX, 1985a, p.263-264).

A atividade de supervisão será exclusiva de assalariados que em nome do capital, passam a serem seus representantes, sendo incumbidos de controlar o trabalho cooperado. Tendo assim, assalariados que vão se ocupar basicamente da supervisão do processo de trabalho para garantir que todo trabalho seja plenamente desenvolvido e com isso garantir a acumulação privada de capital. Aparentemente estes assalariados encarregados da supervisão podem ser tidos como um custo para o processo produtivo, todavia, são indispensáveis à produção capitalista. Vejamos o que Marx afirma sobre isto: “considera esse trabalho de superintendência como um dos falsos custos de produção” (MARX, 1985a, p. 264).

De tudo que foi exposto até aqui, entendemos que a cooperação constituiu-se na forma inicial em que o trabalho foi organizado, gerando as bases da divisão do trabalho no modo de

produção capitalista, foi na cooperação em que os trabalhadores passaram a atuar lado a lado, em conjunto no processo produtivo. Então, a cooperação permitiu o desenvolvimento da força coletiva do trabalho combinado, sendo força produtiva de massas, pois o conjunto de trabalhadores atuando paralelamente tem uma força produtiva maior se comparado ao trabalho individual, porém esta força foi logo capturada pelo capital em prol de aumentar a produção privada do capitalista. A cooperação introduziu uma forma nova de assegurar o controle do capital sobre o trabalho, criou uma camada de assalariados que atuam na supervisão do processo de trabalho.

A manufatura configura-se como o desdobramento do trabalho de base cooperada, no capítulo XII, da obra *O Capital*, entendemos que para Marx a cooperação que está firmada na divisão do trabalho assume sua forma clássica na manufatura. E sendo uma forma característica dos primórdios da produção capitalista prevaleceu durante todo o período manufatureiro entre século XVI até o último terço do século XVIII (MARX, 1985a, p. 267).

No que se refere à dupla origem da manufatura³, entende-se que a manufatura ora pode se originar da combinação de diferentes ofícios autônomos que ao perder sua autonomia por se tornarem unilaterais, logo vão constituindo operações parciais que ao adentrarem no processo de produção se completam para produzir uma única mercadoria. Ora pode-se originar da cooperação de artífices da mesma espécie que ao decompor o ofício individual em diversas operações isolando-as como autônomas de um único trabalhador.

Sobre o processo de generalização da divisão do trabalho:

O trabalho é por isso dividido. Em vez de o mesmo artífice executar as diferentes operações dentro de uma seqüência temporal, elas são desprendidas umas das outras, isoladas, justapostas no espaço, cada uma delas confiada a um artífice diferente e todas executadas ao mesmo tempo pelos cooperadores. Essa divisão acidental se repete, mostra suas vantagens peculiares e ossifica-se pouco a pouco em divisão sistemática do trabalho (MARX, 1985a, p.268).

O parcelamento de tarefas na produção gera um produto social, ou seja, a produção é social. Segundo Marx: “Do produto individual de um artífice autônomo, que faz muitas coisas, a mercadoria transforma-se no produto social de uma união de artífices, cada um dos quais realiza ininterruptamente uma mesma tarefa parcial” (MARX, 1985a, p.268). Torna-se

³ Sobre isto ver: MARX, 1985a, p.268.

um produto social por ser produzido pela união dos trabalhadores, os quais individualmente produzem parte do produto global que ao fim do processo de produção torna-se social, por percorrer cada atividade parcial desenvolvida por trabalhadores individuais.

A divisão do trabalho que ocorreu na manufatura constituiu-se como uma forma particular da cooperação, pois temos uma decomposição de uma atividade artesanal em operações parciais. Porém, a base continua sendo artesanal e necessita do conhecimento do ofício pelo artesão, então neste momento ainda prevalece o conhecimento do ofício, posteriormente, isto será abolido, o trabalhador nada terá além de sua força de trabalho.

A base artesanal da manufatura valorizou o trabalho especializado, que por desenvolver a mesma atividade durante a vida toda, torna-se especialista naquela atividade, isto significava economia de tempo para produzir, como também valorizou o conhecimento e habilidade do trabalhador. Todavia, este trabalho vai prejudicar este trabalhador que se limita a repetições até ser especialista, “a continuidade de um trabalho uniforme destrói a tensão e o impulso dos espíritos vitais, que encontram sua recreação e seu estímulo na própria mudança de atividade” (MARX, 1985a, p.270).

O fator determinante para o aumento de produtividade na manufatura foi à virtuosidade/habilidade do trabalhador e a perfeição de suas ferramentas. Neste período em que predominou a manufatura ocorreu um processo de aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, assim, são criadas as bases para o desenvolvimento de maquinários. Ainda na manufatura são gestadas as condições objetivas para o desenvolvimento de maquinários. Neste período manufatureiro a utilização de máquinas ocorria esporadicamente, pois “a maquinaria específica do período manufatureiro permanece próprio trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais” (MARX, 1985a, p.275).

Sobre a diferença da divisão do trabalho na sociedade e da divisão do trabalho na manufatura⁴, entendemos que a divisão do trabalho não é própria do capitalismo, mas a forma que a divisão do trabalho assume neste modo de produção é bem diferente da forma que o trabalho estava dividido nas sociedades anteriores. Pois, a divisão do trabalho em qualquer sociedade ocorre de forma natural e espontânea, ocorre pelas aptidões individuais dos trabalhadores que se identificam com determinadas atividades e, também é difícil imaginar todos dentro de uma sociedade tão complexa desenvolvendo a mesma atividade, assim, a

⁴ Conferir MARX, 1985a, p. 277.

divisão do trabalho dentro da sociedade era livre para que os indivíduos escolhessem a atividade que iria dedicar-se para atender suas necessidades.

Então, a divisão do trabalho na sociedade vai existir em todas as formações de sociabilidade, ou seja, cada indivíduo vai se ocupar de uma atividade de acordo com suas preferências, habilidades e aptidões. Contudo, a divisão do trabalho que se generaliza com a manufatura é uma criação do modo de produção capitalista. Assim, a manufatura impõe esta divisão do trabalho para aumentar a produção e acumulação de capital, pouco importando as preferências do trabalhador, ou seja, coloca o trabalhador em uma condição que não tem escolha, precisa vender sua força de trabalho para sobreviver.

Apesar da manufatura introduzir modificações na forma de dividir o trabalho, ainda vai apresentar limitação à expansão ou generalização da produção capitalista. Pois, o trabalhador ainda detinha o conhecimento, habilidade e os instrumentos do processo de trabalho. Era necessário retirar tudo para ter um trabalhador livre. Conforme Marx (MARX, 1985a, p.282), entende que: “Em geral, o trabalhador e seus meios de produção permaneciam unidos como o caracol e sua concha, e faltava assim a base principal da manufatura, a autonomização dos meios de produção como capital perante o trabalhador”.

Neste sentido, na manufatura o trabalhador foi paulatinamente se transformado em acessório para o capitalista:

Se o trabalhador originalmente vendeu sua força de trabalho ao capital, por lhe faltarem os meios materiais para a produção de uma mercadoria, agora sua força individual de trabalho deixa de cumprir seu serviço se não estiver vendida ao capital. Ela apenas funciona numa conexão que existe somente depois de sua venda, na oficina do capitalista. Incapacitado em sua qualidade natural de fazer algo autônomo, o trabalhador manufatureiro só desenvolve atividade produtiva como acessório da oficina capitalista. Como o povo eleito levava escrito na frente que era propriedade de Jeová, assim a divisão do trabalho marca o trabalhador manufatureiro com ferro em brasa, como propriedade do capital (MARX, 1985a, p. 283).

Com a manufatura temos o início do processo que mutila o trabalhador e posteriormente na grande indústria temos a generalização deste processo.

O processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, convertendo-o em trabalhador parcial. Ele se completa na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital (MARX, 1985a, p. 283- 284).

Marx evidencia que no período manufatureiro temos o início da “patologia industrial”:

Certa deformação física e espiritual é inseparável mesmo da divisão do trabalho em geral na sociedade. Mas como o período manufatureiro leva muito mais longe essa divisão social dos ramos de trabalho e, por outro lado, apenas com a sua divisão peculiar alcança o indivíduo em suas raízes vitais, é ele o primeiro a fornecer o material e dar o impulso para a patologia industrial (MARX, 1985a, p. 285).

Em nota de rodapé, Marx cita a obra de Ramazzini, que publicou em 1713, o Livro *De morbis artificum*, o qual retrata um leque de doenças que atingia os trabalhadores e que foi ampliado no período da grande indústria.

A manufatura foi extremamente funcional ao desenvolvimento modo de produção capitalista aparecendo como forma civilizada e sofisticada de explorar os trabalhadores. Pois “ainda que apareça de um lado como progresso histórico e momento necessário de desenvolvimento do processo de formação econômica da sociedade, por outro ela surge como um meio de exploração civilizada e refinada” (MARX, 1985a, p. 286).

Com o desenvolvimento da manufatura, a sua limitada base técnica tornou-se um entrave para a forma de produzir que ela própria criou. Então, começou a produzir nas próprias oficinas os instrumentos de trabalho, começando a desenvolver a produção da base técnica, passam a ser produzidas máquinas que vão revolucionar a atividade artesanal. As máquinas são fruto da divisão do trabalho na manufatura, estas revolucionam a produção em geral no período da grande industrial.

A manufatura forneceu a base técnica para a grande indústria, é ainda na manufatura que ocorreu a produção de máquinas e sua utilização de forma incipiente, porém é na grande indústria que ocorre a generalização do uso de maquinários. Segundo Mello (1999) o elemento que vai determinar a utilização de maquinários foi a necessidade de expansão da produção capitalista, para atender ao mercado mundial, que desde a manufatura estava sendo desenvolvido, assim, o desenvolvimento da técnica é para atender uma necessidade de expansão do capital. Então, foi através da expansão dos mercados, que surgiu a necessidade de expansão da produção de mercadorias, ou seja, produzir cada vez mais em escala crescente uma maior quantidade de mercadorias, isto utilizando uma menor quantidade de tempo, para possibilitar a valorização e reprodução do capital.

Concordamos com Marglin ao afirmar que o capital recorreu ao desenvolvimento científico e técnico para alavancar a produção, temos assim a ciência a serviço do capital:

[...] não foi por razões de superioridade da técnica que os patrões adotaram as duas medidas decisivas que despojaram os trabalhadores do controle sobre o produto e sobre o processo de produção [...] Do mesmo modo, a origem e o sucesso da fábrica não se explica por uma superioridade tecnológica, mas pelo fato dela despojar o operário de qualquer controle e de dar ao capitalista o poder de prescrever a natureza do trabalho e a quantidade a produzir. A partir disso, o operário não é livre para decidir como e quanto quer trabalhar para produzir o que lhe é necessário; mas é preciso que ele escolha trabalhar nas condições do patrão ou não trabalhar, o que não lhe deixa nenhuma escolha (MARGLIN, 1996, p. 40-41).

Isto é reafirmado também por Mello, pois considera que a máquina foi criada para responder a necessidade constante de expansão do mercado e, o capital apropriou-se da ciência e da técnica, subordinando seu desenvolvimento para atender aos interesses de acumulação de capital. Segundo Mello:

A criação da máquina é a resposta concreta, a versão melhor elaborada e o maior testemunho para o fato de que o trabalho organizado em padrões manuais já não mais satisfazia às exigências do desenvolvimento do mercado. O capital recorreu então à ciência e a técnica; incorporou as descobertas e os avanços da mecânica (como, mais tarde, da eletricidade, da eletrônica, etc.) e transformou o trabalho do cientista em sua mais importante força produtiva, dissolvendo os últimos vestígios dos elementos naturais que ainda teimavam em sobreviver no interior da antiga oficina. Nascia a ciência aplicada e a Revolução Industrial (MELLO, 1999, p. 91).

No capítulo XIII, da obra *O Capital*, Marx esclarece que a maquinaria que foi desenvolvida não era destinada a aliviar a vida do trabalhador, mas era um meio de aumentar a produção de mais-valia. Vejamos a representação da máquina nas palavras de Marx:

Igual a qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, ela se destina a baratear mercadorias e a encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador precisa para si mesmo, a fim de encompridar a outra parte da sua jornada de trabalho que ele dá de graça para o capitalista. Ela é meio de produção de mais-valia. O revolucionamento do modo de produção toma, na manufatura, como ponto de partida a força de trabalho; na grande indústria, o meio de trabalho (MARX, 1985b, p. 7).

Então, a introdução de maquinários desencadeou uma revolução no modo de produção, a maquinaria consiste em uma forma de intensificar o processo produtivo possibilitando uma maior extração de trabalho, sendo um elemento extremamente eficaz para ampliar a extração de mais-valia. Na manufatura, as transformações no modo de produção

tenham como ponto de partida a força de trabalho, já na grande indústria, ocorre através do meio de trabalho, a maquinaria.

Inicialmente a ferramenta apresenta-se como uma máquina simples e a máquina como uma ferramenta composta, mas do ponto de vista econômico, temos a diferença em que na ferramenta o homem constitui-se como força motriz, ou seja, o homem é a força que conduz a utilização da ferramenta, já com a máquina, se apresenta como uma força natural e superior à humana, pois a força humana não será determinante sobre a máquina, esta desenvolve uma força superior à humana.

Então, foi a partir do desenvolvimento de maquinários que foram criadas a base técnica que permitiu a grande indústria desenvolver-se e consolidar-se, neste momento ocorreu também um desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte para viabilizar a circulação de mercadorias, haja vista, que a máquina é uma forma mais elaborada de produção de mercadorias, e assim, na medida em que se aumenta a produção de mercadorias, também se faz necessário desenvolver meios para viabilizar a circulação e consumo de tais produtos, disto temos todo o incentivo à construção de ferrovias, estradas, pontes, barcos à vapor. Ou seja, ocorre um revolucionamento não apenas na esfera da produção de mercadorias, mas em todas as esferas da sociedade.

A máquina não é responsável pela criação de valor, porém ela transfere valor ao produto, por isto é decisiva no processo produtivo. Marx explica que:

Como qualquer outro componente do capital constante, a maquinaria não cria valor, mas transfere seu próprio valor ao produto para cuja feitura ela serve. À medida que tem valor e, por isso, transfere valor ao produto, ela se constitui num componente de valor do mesmo (MARX, 1985b, p. 18).

De acordo com Marx, “a produtividade da máquina se mede portanto pelo grau em que ela substitui a força de trabalho humana” (MARX, 1985b, p.17), ou seja, a máquina só é produtiva se conseguir substituir o máximo de trabalhadores, o maquinário permitiu reduzir o número de operários empregados, isto causa um aumento no número de trabalhadores desempregados⁵. Com isso, observamos uma contradição necessária à produção capitalista:

⁵ Sobre a funcionalidade do exército industrial de reserva para o desenvolvimento do modo de produção capitalista, Marx afirma que “[...] se uma população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo, essa superpopulação torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele o tivesse criado à sua própria custa. Ela proporciona às suas mutáveis necessidades de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independente dos limites do verdadeiro acréscimo populacional” (MARX, 1985b, p. 200).

automatização da indústria é crescente, o que gera maior expulsão de força de trabalho, porém não pode ocorrer a total automatização das fábricas, já que é a força de trabalho quem produz e valoriza o capital.

Vejamos o que Marx afirma sobre a utilização capitalista da máquina, ou seja, a funcionalidade dos maquinários para reprodução do capital. Em suas palavras:

As contradições e os antagonismos inseparáveis da utilização capitalista da maquinaria não existem porque decorrem da própria maquinaria, mas de sua utilização capitalista! Já que, portanto, considerada em si, a maquinaria encurta o tempo de trabalho, enquanto utilizada como capital aumenta a jornada de trabalho; em si, facilita o trabalho, utilizada como capital aumenta sua intensidade; em si, é uma vitória do homem sobre a força da Natureza, utilizada como capital submete o homem por meio da força da Natureza; em si, aumenta a riqueza do produtor, utilizada como capital o pauperiza etc. (MARX, 1985b, p. 56).

Sobre este assunto, é importante salientar que existe uma polêmica e debate entre os estudiosos marxistas, em torno da questão se a divisão do trabalho e progresso técnico e científico estará presente em outra sociabilidade livre do domínio do capital. Então, consideramos necessário refletir, será que Marx está fazendo uma crítica à utilização da máquina apenas no sistema capitalista, será que em uma sociedade emancipada do domínio do capital pode ocorrer à utilização de maquinários, será que é possível após alcançar a emancipação da sociedade retroceder do ponto de vista do desenvolvimento técnico alcançado até o momento, será que é a máquina deve ser abolida, ou é a forma que o capital utiliza os maquinários para aumentar a exploração do trabalho? Estas são questões polêmicas e que suscita reflexões mais aprofundadas, por não se tratar de nosso objetivo no presente texto, apenas sinalizamos tais inquietações.

Gorz (2001, p.13) afirma que em uma sociedade comunista “a ciência e as técnicas também devem ser revolucionadas e reconquistadas pelo proletariado, reapropriadas coletivamente, como poder comum de todos, pela reunificação do trabalho manual e intelectual, o refundir completo da organização do trabalho”.

Camilo (2012, p. 55) afirma que “a máquina e os demais recursos tecnológicos, em si, não são destrutivos para a reprodução do trabalhador, mas adquirem esse caráter ao ser utilizados sob a égide da produção na sociedade capitalista”.

Então, concordamos com Marx que é a utilização capitalista da máquina e de todo o progresso técnico é que deve ser superado em outra sociabilidade livre da regência do capital, pois é a relação social de exploração da produção capitalista que imprime o caráter de

dominação e degradação do trabalho no processo produtivo, cuja finalidade é a maior extração de mais-valia. Já em uma sociedade livre da relação de exploração do capital pode-se pensar na utilização da máquina de forma que atenda as reais necessidades humanas.

Em suma, a grande indústria rompeu com todas as barreiras que limitavam a produção capitalista, a produção foi generalizada em decorrência do revolucionamento técnico na produção, que desqualificou os trabalhadores a medida que a produção deixou de ser subordinada à habilidade do operário, a máquina é que passou a determinar o ritmo da produção e os trabalhadores são subordinados a tal processo, estes cumprem perfeitamente a função de maximizar a produção, ou seja, recai sobre o trabalhador uma maior intensificação do trabalho, que se expressa em maior controle sobre o processo de trabalho e uma maior exploração, que vai ameaçar a reprodução social dos trabalhadores, devido às condições desumanas em que estão subordinados nos primórdios da industrialização.

2. A DEGRADAÇÃO DA SAÚDE DO TRABALHADOR NOS PRIMÓRDIOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO CAPITALISTA

Marx ao tratar sobre os efeitos imediatos da produção mecanizada sobre o trabalhador aponta três repercussões gerais: apropriação de forças suplementares pelo capital (trabalho feminino e infantil); prolongamento da jornada de trabalho e intensificação do trabalho. Vejamos detalhadamente cada uma destas implicações do processo de industrialização para vida e saúde dos trabalhadores.

Sobre apropriação de forças suplementares pelo capital: trabalho feminino e infantil, após a introdução de maquinários todos os membros da família do trabalhador, mulher e crianças, foram lançados no mercado de trabalho, isto gerou a desvalorização da força de trabalho. Como afirma Marx: “A maquinaria, ao lançar todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho, reparte o valor da força de trabalho do homem por toda sua família. Ela desvaloriza, portanto, sua força de trabalho” (MARX, 1985b, p. 23).

Foi com a introdução de maquinários que ocorreu a criação de uma população operária excedente obrigada a aceitar as condições ditadas pelo capital, ou seja, os trabalhadores são submetidos a condições de trabalho e exploração desumanas, isto para garantir a própria sobrevivência. Nas palavras de Marx, a máquina elimina os limites morais e naturais da jornada de trabalho, pois,

Daí o paradoxo econômico de que o meio mais poderoso para encurtar a jornada de trabalho se torna o meio infalível de transformar todo o tempo de vida do trabalhador e de sua família em tempo de trabalho disponível para a valorização do capital (MARX, 1985b, p. 32).

Assim, a vida do operário e de sua família adentram no processo produtivo, ou seja, são capturadas pelo capital, transformando em tempo de trabalho destinado a valorização de capital. A máquina é um meio mais elaborado de potencializar o trabalho, extraíndo mais trabalho. Desta forma, a máquina ao incorporar o trabalho de toda a família do trabalhador, vai aumentar o material humano de exploração, com isso, aumenta-se grau de exploração dos trabalhadores em geral, como também ocorre uma redução do salário de cada trabalhador. O trabalhador nesta nova forma de organização da produção tornar-se mercador de escravos ao vender a própria família ao capital, pois “o trabalhador vendia anteriormente sua própria força de trabalho, da qual dispunha como pessoa formalmente livre. Agora vende mulher e filho. Torna-se mercador de escravos” (MARX, 1985b, p. 23).

O trabalho infantil mesmo apresentando uma limitação na idade, já que naquele período o trabalho de crianças com menos de treze anos era proibido, porém o anseio desmedido do capitalista de explorar, por vezes falsificava a idade das crianças para que fossem inseridas na indústria. Sobre a degradação física de crianças e mulheres e das altas taxas de mortalidade infantil entre os filhos dos operários chegou a tal ponto que levou as mães a não cuidar adequadamente dos filhos, chegando ao ponto de ministrar venenos para findar com a degradante vida.

No que se refere ao prolongamento da jornada de trabalho, a máquina foi um meio extremamente poderoso para prolongar a jornada de trabalho ao máximo. A necessidade de prolongar a jornada de trabalho ao extremo decorre do desgaste sofrido pela da maquinaria que em pouco tempo tornava-se obsoleta, assim, para evitar a depreciação da maquinaria os empresários não deixavam as máquinas paradas, pois precisavam recuperar em curto espaço de tempo todo o investimento despendido para revolucionar a base técnica da indústria, isto acrescido de lucro.

A mais-valia consiste em trabalho necessário e mais trabalho. Com a generalização de maquinários ocorre uma maior produção de mais-valia⁶. Para o aumento da taxa de mais-valia deve ocorrer simultaneamente a redução da contradição imanente, “[...] já que dos dois fatores

⁶ “A mais-valia só se origina da parte variável do capital e vimos que a massa da mais-valia é determinada por dois fatores, a taxa de mais-valia e o número de trabalhadores simultaneamente ocupados. Dada a duração da jornada de trabalho, a taxa de mais-valia é determinada pela proporção em que a jornada se divide em trabalho necessário e mais-trabalho” (MARX, 1985b, p. 31).

da mais-valia que um capital de dada grandeza fornece ela só aumenta um, a taxa de mais-valia, porque reduz o outro fator, o número de trabalhadores” (MARX, 1985b, p.31). E para compensar na redução de trabalhadores é necessário prolongar a jornada de trabalho, então, ocorre à extração de mais-valia absoluta, por meio do prolongamento da jornada de trabalho⁷.

A extração de mais-valia absoluta encontrou limites físicos, pois o prolongamento da jornada de trabalho gerou danos objetivos e subjetivos no trabalhador, deixando-os vulneráveis as doenças, colocando em risco a sua reprodução. Segundo Marx, o prolongamento da jornada de trabalho trouxe sérias consequências para a vida dos trabalhadores, mas isso não importa ao capital, pois eles têm à disposição outros trabalhadores para substituir os que não podem mais trabalhar. Em suas palavras:

O capital não se importa com a duração de vida da força de trabalho. O que interessa a ele, pura e simplesmente, é um *maximum* de força de trabalho que em uma jornada de trabalho poderá ser feita fluir. Atinge esse objetivo encurtando a duração da força de trabalho, como um agricultor ganancioso que consegue aumentar o rendimento do solo por meio do saqueio da fertilidade do solo. A produção capitalista, que é essencialmente produção de mais-valia, absorção de mais-trabalho, produz, portanto, com o prolongamento da jornada de trabalho não apenas a atrofia da força de trabalho, a qual é roubada de suas condições normais, morais e físicas, de desenvolvimento e atividade. Ela produz a exaustão prematura e o aniquilamento da própria força de trabalho. Ela prolonga o tempo de produção do trabalhador num prazo determinado mediante o encurtamento de seu tempo de vida (MARX, 1985a p. 212).

No que se refere à intensificação do trabalho, Marx de início esclareceu que frente ao prolongamento desmedido da jornada de trabalho, como também da intensificação do trabalho, devido à introdução de maquinários, a própria reprodução dos trabalhadores estava sendo ameaçada, assim, foi necessário à instauração de uma jornada normal de trabalho legalmente limitada. Então, para compensar a limitação da jornada de trabalho, a estratégia adotada foi intensificação do trabalho na fábrica, ocorrendo à extração de mais-valia relativa. Marx afirma que:

Assim que a revolta cada vez maior da classe operária obrigou o Estado a reduzir à força a jornada de trabalho e a ditar, inicialmente às fábricas propriamente ditas, uma jornada normal de trabalho, a partir desse instante, portanto, em que se impossibilitou de uma vez por todas a produção crescente de mais-valia mediante o prolongamento da jornada de trabalho, o

⁷ Marx explica que “A mais-valia produzida pelo prolongamento da jornada de trabalho chamo de mais-valia absoluta; a mais-valia que, ao contrário, decorre da redução do tempo de trabalho e da correspondente mudança da proporção entre os dois componentes da jornada de trabalho chamo de mais-valia relativa” (MARX, 1985a, p. 251).

capital lançou-se com força total e plena consciência à produção de mais-valia relativa por meio do desenvolvimento acelerado do sistema de máquinas (MARX, 1985b, p. 33).

A limitação da legal da jornada de trabalho foi uma resposta à resistência e luta dos trabalhadores frente às condições de trabalho que estavam submetidos, tal fato ameaçava a legitimidade da ordem burguesa. Assim, o Estado burguês é forçado a intervir no processo de regulação da jornada de trabalho no interior das fábricas, logo os capitalistas desenvolveram uma estratégia para não ter seus lucros atingidos por tal limitação, e a forma de conseguir isto, foi através da extração da mais-valia relativa, com a intensificação do trabalho, se produzir a mesma quantidade e até mais em menos tempo, ou seja, ocorre um maior dispêndio de trabalho em menos tempo.

Então, a redução da jornada de trabalho implica uma maior intensificação do trabalho e, portanto da exploração. A máquina transformou-se num meio de espremer mais trabalho no mesmo espaço de tempo. Ocorreu também o aumento da força produtiva com o aperfeiçoamento das máquinas, todo aperfeiçoamento dos maquinários visa explorar ainda mais a força de trabalho. Desse modo, percebemos que tanto a extração da mais-valia absoluta quanto a mais-valia relativa expressam a exploração da força de trabalho. Segundo Marx:

[...] em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por mais-trabalho, o capital atropela não apenas os limites máximos morais, mas também os puramente físicos da jornada de trabalho. Usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção sadia do corpo. Rouba o tempo necessário para o consumo de ar puro e luz solar. Escamoteia tempo destinado às refeições para incorporá-lo onde possível ao próprio processo de produção, suprimindo o trabalhador, enquanto mero meio de produção, de alimentos, como a caldeira, de carvão, e a maquinaria, de graxa ou óleo. Reduz o sono saudável para a concentração, renovação e restauração da força vital a tantas horas de torpor quanto a reanimação de um organismo absolutamente esgotado torna indispensáveis. Em vez da conservação normal da força de trabalho determinar aqui o limite da jornada de trabalho, é, ao contrário, o maior dispêndio possível diário da força de trabalho que determina, por mais penoso e doentamente violento, o limite do tempo de descanso do trabalhador (MARX, 1985a p.211-212).

Assim, constatamos que o trabalhador só importa ao capital enquanto força de trabalho, indispensável para produção de mais-valia, seja ela absoluta ou relativa. Na manufatura é predominante à extração de mais-valia absoluta, já na grande indústria ocorre à convivência da extração de mais-valia absoluta e relativa, todavia predomina a mais-valia relativa.

Na grande indústria o trabalhador passa a ser um apêndice da máquina, esta é que vai determinar o ritmo e intensidade de seu trabalho, não é mais o trabalhador que utiliza a máquina como instrumento de trabalho, mas é a máquina que usa o trabalhador no processo de valorização do capital. Essa nova forma de organização do trabalho constitui-se em uma tortura no trabalho, como afirma Marx:

Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual. Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo (MARX, 1985b, p. 43).

O trabalho passa a ser uma atividade torturante, já que é destinado a valorização do capital. Marx afirma que as condições materiais em que se realiza o trabalho servil:

Todos os órgãos dos sentidos são igualmente lesados pela temperatura artificialmente elevada, pela atmosfera impregnada de resíduos de matéria-prima, pelo ruído ensurdecedor etc., para não falar do perigo de vida sob a maquinaria densamente amontoada que, com a regularidade das estações do ano, produz seus boletins da batalha industrial. A economia nos meios sociais de produção, artificialmente amadurecida apenas no sistema de fábrica, torna-se ao mesmo tempo, na mão do capital, roubo sistemático das condições de vida do operário durante o trabalho, roubo de espaço, de ar, de luz e de meios de proteção de sua pessoa física contra condições que oferecem perigo de vida ou são nocivas à saúde no processo de produção, isso sem sequer falar de instalações para a comodidade do trabalhador (MARX, 1985b, p. 45-46).

Apreendemos como esta nova forma de organização do trabalho e do processo produtivo é danosa e prejudicial aos trabalhadores, afetando sua vida e saúde, haja vista, que aumenta a exploração do trabalho. Neste novo contexto de maior exploração, os trabalhadores sentem os efeitos imediatos da produção mecanizada sobre suas vidas e corpos, porém, logo apresenta resistência a tamanha exploração.

A luta entre capitalista e assalariado começa com a própria relação — capital. Ela se agita por todo o período manufatureiro. Mas só a partir da introdução da maquinaria é que o trabalhador combate o próprio meio de trabalho, a forma de existência material do capital. Revolta-se contra essa forma determinada do meio de produção como base material do modo capitalista de produção (MARX, 1985b, p. 46).

Sobre os aspectos negativos da industrialização, Marx aponta que:

A natureza da grande indústria condiciona, portanto, variação do trabalho, fluidez da função, mobilidade, em todos os sentidos, do trabalhador. Por outro lado, reproduz em sua forma capitalista a velha divisão do trabalho com suas particularidades ossificadas. Viu-se como essa contradição absoluta elimina toda tranquilidade, solidez e segurança na situação de vida do trabalhador, ameaçando constantemente arrancar-lhe da mão, com o meio de trabalho, o meio de subsistência e torná-lo, com sua função parcelar, supérfluo; como essa contradição desencadeia um ritual ininterrupto de sacrifício da classe trabalhadora, o mais desmesurado desperdício de forças de trabalho e as devastações da anarquia social. Esse é o lado negativo (MARX, 1985b, p. 89).

Assim, se por um lado à máquina poderia ter permitido que o trabalho fosse mais leve, restando mais tempo para o trabalhador desenvolver suas habilidades humanas, não foi isto que ocorreu no modo de produção capitalista, pelo contrário a máquina permitiu o aumento da exploração e intensificação do trabalho, subordinando o trabalhador aos ditames da acumulação capitalista.

Marx enfatiza que aos capitalistas não interessa a saúde e vida dos trabalhadores:

O capital não tem, por isso, a menor consideração pela saúde e duração de vida do trabalhador, a não ser quando é coagido pela sociedade a ter consideração. À queixa sobre degradação física e mental, morte prematura, tortura do sobretalho, ele responde: Deve esse tormento atormentar-nos, já que ele aumenta o nosso gozo (o lucro)? (MARX, 1985a, p. 215).

Em síntese, a industrialização capitalista cumpriu seu objetivo de expandir a produção e extração de mais-valia, isto em detrimento de garantir melhorias para a classe trabalhadora, ou seja, a grande indústria enquanto nova forma de organização da produção capitalista contribuiu para os agravos a saúde dos trabalhadores, pois, permitiu uma maior exploração da força de trabalho.

Friedrich Engels, em seu livro intitulado *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, relatou os efeitos que a industrialização gerou para a vida da classe trabalhadora. Para Engels, a Revolução Industrial reduziu os trabalhadores ao papel de simples máquinas. Em suas palavras: “[...] completando a transformação dos trabalhadores em puras e simples máquinas e arrancando-lhes das mãos os últimos restos de atividade autônoma – mas, precisamente por isso, incitando-os a pensar e a exigir uma condição humana” (ENGELS, 2008, p. 47).

Foi à expansão industrial que exigiu a migração dos trabalhadores das regiões rurais para as nascentes cidades industriais, isto gerou um crescimento populacional dos

proletariados em torno das fábricas nas zonas industriais. Engels apresentou as precárias e desumanas condições de vida do operariado industrial, no que se refere às necessidades básicas para reprodução da classe trabalhadora, a saber, habitação, alimentação e vestimentas.

Sobre as habitações, os trabalhadores habitavam em bairros de má reputação, afastados dos olhares dos ricos, piores casas, na parte mais feia da cidade, ruas sem pavimentação, sem sistema de esgoto, pouca ventilação, falta de água, cômodos superlotados, sem mobília. Sobre as vestimentas, as roupas eram esfarrapadas em péssimo estado, pouco adaptadas ao clima, andavam descalços. Alimentação variava de acordo com os salários recebidos pelos trabalhadores, geralmente comiam batatas de má qualidade, legumes murchos, enfim alimentos de péssima qualidade, e muitas vezes eram também enganados no peso e na quantidade. Em síntese:

Por regra geral, as casas dos operários estão mal localizadas, mal construídas, mal conservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; seus habitantes confinados num espaço mínimo e, na maior parte dos casos, *num único cômodo vive uma família inteira*; no interior das casas é miserável: chega-se mesmo a ausência total dos moveis mais indispensáveis. O vestuário dos operários também é, por regra geral, muitíssimo pobre e, para uma grande maioria, as peças estão esfarrapadas. A comida é frequentemente ruim, muitas vezes imprópria, em muitos casos – pelo menos em certos períodos – insuficientes e, no limite, há mortes por fome (ENGELS, 2008, p. 115).

Então, todo este contexto de vida e trabalho degradante afetava a saúde dos trabalhadores, os adoecimentos eram causados em decorrência destas precárias condições de vida. Segundo Engels:

Além de outras doenças respiratórias e da escarlatina, o grande rival da tuberculose, causador de devastações entre os operários, é o tifo. Segundo relatórios oficiais sobre as condições sanitárias da classe operária, esse flagelo universal é provocado pelo péssimo estado das habitações operárias, a má ventilação, a umidade e a sujeira (ENGELS, 2008, p.138).

Segundo Engels a Inglaterra cometia um “*assassinato social*” dos trabalhadores e que a burguesia era a classe que assassinava lentamente milhares de trabalhadores, porém de forma camuflada. Pois, “ela pôs os operários numa situação tal que não podem conservar a saúde nem viver muito tempo; que ela pouco a pouco, debilita a vida desses operários, levando-os ao túmulo prematuramente” (ENGELS, 2008, p. 136).

Assim, neste contexto os trabalhadores não podem gozar de boa saúde e nem atingir uma idade avançada, são as inúmeras e variadas privações em que estão expostos os trabalhadores que os deixam vulneráveis as doenças, como também, as doenças decorrem da insalubridade das precárias habitações e locais de trabalho e, da má alimentação. Engels descreve o perfil dos operários:

A consequência de tudo isso é o enfraquecimento físico geral dos operários. É raro encontrar entre eles – pelo menos entre os operários fabris, dos quais tratamos aqui e que trabalham quase sempre em ambientes fechados – homens robustos, vigorosos e de boa constituição. São quase todos frágeis, com ossatura angulosa, mas pouco resistente, magros, pálidos e seu corpo, excetuados os músculos exigidos pelo trabalho, apresenta-se flácido. Quase todos tem problemas gástricos, quase todos são mais ou menos hipocondríacos e seu humor é melancólico e irritadiço. Seu organismo debilitado tem poucas chances de resistir às doenças, que os vitimam com frequência – por isso, envelhecem prematuramente e morrem jovens (ENGELS, 2008, p. 144).

Este é um retrato de como viviam os trabalhadores no contexto da industrialização capitalista, ocorreu um aumento na produção e riqueza, porém o que custeou este processo foi exploração da classe trabalhadora. Nos primórdios da industrialização a miséria e degradação do trabalho eram tão intensas que levava a constante prática do suicídio entre os trabalhadores, isto como uma forma de escapar da miséria, ou seja, os trabalhadores estavam reduzidos a uma condição mais revoltante e desumana que a mente humana pode imaginar (Engels, 2008, p. 155).

Então, o trabalho no modo de produção capitalista, torna-se um trabalho degradante, uma tortura ao trabalhador. Como afirma Engels:

Nada é mais terrível que fazer todos os dias, de manhã até a noite, um trabalho de que não se gosta. E quanto mais sentimentos humanos tem o operário, tanto mais odeia seu trabalho, porque sente os constrangimentos que implica e sua inutilidade para si mesmo. Afinal, por que trabalha? Pelo prazer de criar? Por um instinto natural? Nada disso: trabalha apenas por dinheiro, por uma coisa que nada tem a ver com o trabalho mesmo; trabalha porque é forçado a trabalhar, um trabalho exaustivo, em longas jornadas, um trabalho ininterruptamente monótono que, só por isso, para quem conserva sentimentos humanos, desde as primeiras semanas se torna tortura. E ademais, a divisão do trabalho multiplicou os efeitos embrutecedores do trabalho forçado (ENGELS, 2008, p. 158).

Engels comparou os terríveis efeitos da Revolução Industrial para os trabalhadores a eclosão de uma guerra. Conforme a investigação que realizou,

Além de todas essas enfermidades e deformações, há outros fatores que causam grandes danos físicos aos operários. O trabalho em meio às máquinas está sujeito a numerosos acidentes mais ou menos graves, cuja consequência é a incapacidade parcial ou total do operário para seu trabalho. Muito frequente é o esmagamento de uma falange ou mesmo de um dedo; menos comum, mas ocorrente, é metade da mão, a própria mão ou um braço ficarem presos nas engrenagens e serem esmagados. De tais acidentes, mesmo os menos graves, geralmente resulta o tétano, que provoca a morte. Em Manchester, pode se ver, além dos muitos deformados, um grande número de operários mutilados: falta a uns parte do braço ou todo o braço, a alguns o pé, a outros uma porção da perna – é como se estivéssemos em meio a um exército que regressa de uma batalha (ENGELS, 2008, p. 200-2001).

Em suma, o trabalho no modo de produção capitalista expressa vida e morte, vida ao produz os bens necessários a reprodução humana, e morte porque a forma que o trabalho assume no capitalismo vai subordinar a classe trabalhadora a desenvolver uma atividade degradante e torturante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, fizemos uma contextualização histórica do processo de industrialização capitalista. Apreendemos que todo revolucionamento técnico e científico alcançado com a grande indústria estava a serviço da reprodução do capital, ou seja, a industrialização poderia ter proporcionado uma melhoria nas condições de trabalho e vida da classe trabalhadora, todavia o que ocorreu foi justamente o contrário, aumento na produção viabilizado pela maior exploração da força de trabalho, tal exploração rebate diretamente na reprodução social dos trabalhadores, em especial, sobre sua vida e saúde.

Então, consideramos relevante refletir que a industrialização apresentou aspectos positivos e negativos, porém cabe pensar quem colheu os louros da industrialização não foi à classe trabalhadora, esta colheu e continua colhendo sobre seus corpos os efeitos perversos deste processo, ou seja, continua sendo tão explorada a ponto de ser constantemente ameaçada sua saúde, vida e própria reprodução enquanto força de trabalho.

Consideramos ainda, que a lógica que impulsiona o capital a se preocupar com a saúde do trabalhador é para preservar a mercadoria mais valiosa, que sem a constante exploração de sua força de trabalho seria impossível à reprodução do sistema capitalista. Na sociedade capitalista o homem foi transformado em mercadoria, o que importa não sua integralidade como homem, mas o que é primordial é sua força de trabalho, esta indispensável à acumulação capitalista. Assim, pensar em saúde do trabalhador no modo de produção capitalista é pensar a reprodução física da força de trabalho para continuar sendo explorada pelo capital, ou seja, a vida do trabalhador não põe limites ao voraz processo de produção capitalista.

Referências

- CAMILO, Diany Ibrahim de Souza. *“Na saúde e na doença até que a morte os separe”*: *Trabalho e saúde nos tempos do capital*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Serviço Social. Maceió, 2012.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da Classe trabalhadora na Inglaterra*. (Tradução de Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Forti) São Paulo: Global, 1985.
- GORZ, André. *O despotismo de fábrica e suas consequências*. In GORZ, André. (org.). *Crítica da Divisão do Trabalho*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 79-89.
- LESSA, Sérgio. *Trabalho e Proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- MARGLIN, Stephen. *Origem e funções do parcelamento de tarefas*. In GORZ, André. (org.). *Crítica da Divisão do Trabalho*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 37-77.
- MARX, Karl. *O Capital*. Vol. I. Tomo I. Coleção Os Economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.
- _____. *O Capital*. Vol. I. Tomo II. Coleção Os Economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988b.
- MELLO, Alex Fiuza de. *Marx e a Globalização*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- SOUZA, Reivan Marinho de. *Controle Capitalista e Reestruturação Produtiva: o programa brasileiro da qualidade e produtividade*. Maceió: EDUFAL, 2011.